

UM CONCEITO DE LITERATURA CABO-VERDIANA INDEPENDENTE

Nuno de Miranda  
Aradora - Portugal

"NÃO COMEREIS GORDURA NEM DE BOI NEM DE CABRA"  
segundo o Versículo 23, Capítulo VII,  
do Levítico, de Moisés, na Bíblia.

Ser o embargo de vir crescendo em sucessões dinásticas até aos dias da actualidade, o conceito de literatura romanesca, como um acto criador do mundo, não é mais do que o sentido de uma frase aristotélica, acerca do drama grego e da poesia narrativa, que diz com flagrante modernidade que "a felicidade e as misérias humanas torram forras de acção".

Para fixar tendências e directrizes no tempo e no espaço, a propósito da mais viva expressão literária que é, sem dúvida, o romance, venho partindo do pressuposto aristotélico enunciado; e, como escritor cabo-verdiano, cogitando sobre alguns aspectos concretos e particulares dos quais não se pode abrir rãos, nos dias de hoje.

Um deles, é o da forra. Considerada não à luz de forra mais perfeita ou de forra menos perfeita que Paul Valéry referia num sentido mais apontado ao poético; antes, como um todo de o romance cabo-verdiano ser revelado, enquanto ideia geral da sua construção.

Outro aspecto, é o da expressão. Como a qualidade e a iragem viva e anirada dos trovimentos imprimidos à composição. Se se quiser de outro todo, a inteligência do escritor ou a tonalidade afectiva que ele empresta à sua obra, como envoltório e raneira de, a um tempo, transmitir emoções.

Senhor do dor onisciente de inventar criaturas na faixa do tempo e do espaço em que elas se mover, os sentimentos se entrecocar e os conflitos se girar, ao ficcionista é dado enformar eventos, com a salvaguarda da verdade da acção e da verdade da ficção, todavia, à redida de E.M. Forster, quando o escritor e ensaísta inglês sublinha que "romance é história", na ideia de ser enredo a que se instilou

causalidade.

No caso específico da literatura cabo-verdiana, no sentido em que esta tem de se projectar nos dias de hoje, a sabedoria estética, por força, há-de se manifestar pela expressão interessada da sociedade. Quero com isto dizer, como forma de arte extrapolando a criação hedonística da Beleza, para se alcançar a função imediatista, orer, humana e seu valor primordial. O resto que asseverar não um acto de imaginação, porer, uma nova direcção transformadora da matéria-prima original, servindo-se dela, articulando-a em formas específicas de prática no momento de hoje, em conformidade com a emancipação política e a autonomia literária.

Ao relançar uma sorte de romance espacial de sociedade de valores assurdos como um amplo rural se expandindo numa liberdade superior de horizontes e palpitando numa amplitude maior do seu poder, a literatura cabo-verdiana - face a novo modo de produção, alterador das formas tradicionais de vida; e em seus pontos de vista críticos, acerca das novas condições da existência social - prefigurará factos, ideais e acontecimentos reais ou imaginários do passado, do presente e do futuro, tiranias sobressaltadas da sobrevivência quotidiana do homem na lição surpreendente da vida, renúncias, ironias e esperanças, em situações sustentadas na ilha ou por seus filhos na distância, com vista a uma visão panorâmica da autêntica inteligência cabo-verdiana. Assim se afirmará o rush de um crioulisto de perto e de longe. Tratar-se-á de um crioulisto não limitado à descrição de paisagens, costumes e curiosidades exóticas do quotidiano. Ou de aspectos particularíssimos da vida das terras pequenas. Tratar-se-á de um crioulisto desraigado das tacaqueações de linguagem que resultam das desastrosas transposições da língua crioula para a língua portuguesa. Tratar-se-á de um crioulisto objectivando e focalizando especificidades do acontecer humano de Cabo Verde, natureza e espírito, instinto e consciência, tudo sobre o signo de um quid. O da autêntica atmosfera espessa ou diáfana das ruas, calçadas e canalinhos em que tipos notáveis ou inexpressivos perambular, dos campos pelados pelas secas ou abeberados quando as chuvas vierem delineando as transformações, o desenvolvimento e as reformas locais.

Tudo isto será com o propósito deliberado de extirpar do pensamento social e humano de Cabo Verde as justificações, como as daqueles forasteiros que vêm obtendo vantagens, materiais e culturais, com o virer estando a embandeirar-se e a assenhorear-se da situação de porta-vozes do forte sentimento da terra, senão, também, do coração da ingenua porquanto pura e ensimesmada realidade local.

Com a independência de Cabo Verde, eu defendo a ideia de que a cultura cabo-verdiana não poderá mais configurar o estatuto de uma sucursal. A sucursal onde beberica e se arraizava o alimento das batutas alienígenas que a partir de Lisboa, montam o cavalo interesseiro de um injustificado e inqualificado recenato.

O enquistamento de essa posição reaccionária, colonialista e protectora fica denunciado publicamente. Deixo esta denúncia à apreciação e à consciência dos intelectuais independentes, dos seus leitores, dos críticos, estudantes e de um modo geral, do público esclarecido e atento.

Nós próprios, cabo-verdianos, estamos em posição de ditar o que for nosso. Temos condições para isso. É necessário não perder de vista o alerta contra a condição servil e tributária em que nos queirar colocar, a qual visa o alcance de benefícios e proveitos que não poderiam de outro modo ser atingidos.

Longe de ser abstracto, outro conceito de grande influência entre os aspectos aqui desenvolvidos, é o de lugar.

Os cabo-verdianos - sempre em movimento - constituem uma nação móvel, no sentido de que os seus naturais e as respectivas famílias vivem em deslocações intra-ruros, nas ilhas do arquipélago de Cabo Verde. Continuando a ser excisados dos seus lugares de raiz, eles são ainda reovidos, por razões sociológicas, económicas e outras, para horizontes de actividades diferentes daquelas que as ilhas lhes facultar. Eternos emigrantes em busca de novas vidas, de novas experiências e de novos empregos, para os cabo-verdianos, lugar é um ponto de referência e um ponto de vista na existência de cada um de nós. Mas, quando estamos por longo tempo em sítio que não seja o da nossa raiz telúrica, as iragens, os costumes, em uma palavra, a atmosfera da nossa ilha nos acompanha como a presença benéfica, especial e familiar de um genius loci. Isso individualiza e estabelece os contornos da diferenciação. Isso marca a disciplina de uma mensagem autóctone. Eu quase iria a dizer que isso nacionaliza, do ponto de vista de que atribui chancela de autenticidade.

A propósito deste raciocínio, que eu irei continuar, creio não errar quando afirmo haver dois temas dominantes e intimamente ligados, no cenário da vida de Cabo Verde dos dias atuais.

O desenvolvimento é um deles; e representa um imperativo de sobrevivência a partir dos recursos locais, da nossa gente e do nosso próprio trabalho.

O nacionalismo já é uma atitude mental e um comportamento político, uma consciência colectiva de todos os que queirar postular o clima condicionador da própria marcha do desenvolvimento. Somos forçados pelas circunstâncias a crescer; mas temos de crescer banhados pelas águas do nacionalismo.

Havendo de encontrar a conciliação entre estes dois termos tão diversos na natureza (o nacionalismo e o desenvolvimento acelerado) porém, tão próximos no quadro da vida de Cabo Verde de hoje, não haja dúvidas quanto ao destino do nosso futuro: temos de o decifrar e essa esfinge terá de ser achada com a nossa gente, com o seu engenho e a sua inteligência num clima de serenidade, no entendimento claro e apaziguador das nossas realidades.

O nacionalismo que eu aqui advogo será tomado como a atitude do cabo-verdiano moderno e desejoso de ver o seu país próspero e emancipado não só politicamente, mas, também, na sua economia e na sua vida cultural.

Tratando-se de um movimento de afirmação em todos estes campos **enunciados**, só aparentemente eles se mostram separados, uma vez que são interligados, se fertilizam e se condicionam mutuamente.

Não irei ao ponto de proclamar completa autonomia intelectual no universalismo em que viveros. Tanto que ao intelectual de onde quer que ele seja, lhe reconheço o dever primordial de servir aos eternos interesses do homem e da humanidade. E, ademais, o de servir precisamente a cultura, entendida como a evolução incessante do espírito humano através dos tempos.

Por isso resto ao intelectual cabo-verdiano compete conservar e, sem prejuízo do passado o que se tiver constituído em valor. Não me proponho, com efeito e tout court, rejeitar um passado em que mergulhar algumas das escoras da rutinização intensiva que nos prende psicologicamente ao solo. E, outrossim, nos manter erguidos como um povo solidário em torno dos seus símbolos, ideais e aspirações comuns. Confiamos em que do caldeamento de raça acontecido em Cabo Verde e de que saiu a expressão máxima que é o homem cabo-verdiano corresponda, naturalmente, uma cultura elaborada sobre o material indígena, configurada nas características do nosso próprio espírito, das nossas próprias tendências, dos nossos próprios sedimentos integradores, da nossa própria vocação. Mas, permanecer no passado seria uma contemplação nostálgica. Do resto passo em que o contentarmo-nos com eventuais forras estanques do presente, representaria o conformismo que iguala a estagnação. Assim, importa elaborar os conhecimentos propulsores do progresso, os que trazer a boa nova das fórmulas renovadoras e substanciadas na marca da vitalidade orgânica, biológica, social ou cultural.

Com todo esse material, estaremos a delinear a consolidação de uma cultura cabo-verdiana ser patrocinadores, num grande movimento de emancipação da cultura cabo-verdiana no mundo que se precipita no futuro.